

## A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES FEMININAS NEGRAS E PERIFÉRICAS NOS POEMAS DE DINHA

### THE CONSTRUCTION OF BLACK AND PERIPHERAL FEMALE IDENTITIES IN DINHA'S POEMS

Letícia Zafred Paiva<sup>1</sup>; Flávia Cristina Bandeca Biazetto<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Graduanda em Letras – Português e Inglês pelo Centro Universitário Sagrado Coração (Unisagrado)

<sup>2</sup>Doutora em Letras. Professora do curso de Letras – Português e Inglês do Centro Universitário Sagrado (Unisagrado)

Data de envio: 30/04/2021

Data de aceite: 26/05/2021

### RESUMO

O presente artigo analisa a relação literatura-sociedade na construção das imagens e estereótipos femininos no contexto brasileiro e, também, o papel da produção lírica de literatura marginal periférica. Para isso, foi selecionado um *corpus* composto pelos textos *Poema Pouco Poema* e *Zero a Zero* da escritora Dinha, a qual nasceu no Ceará em 1978 e reside em São Paulo desde 1979. A escolha da autora se dá pela sua importância não só no cenário da literatura marginal periférica, mas também por sua trajetória e atuação política por meio da arte. Tendo isso em vista, o estudo considerou tanto dados bibliográficos sobre literatura de autoria feminina e teorias feministas quanto a obra literária, com o intuito de verificar como se dá a construção da identidade da mulher negra e periférica nas obras da autora. Tal metodologia não atrela obra e biografia, mas não descarta pontos de contato entre ambas e o trabalho de efabular da Literatura. A partir desse percurso interpretativo, foi possível verificar que ao negar a concepção branca e elitista de uma feminilidade frágil e passiva, Dinha expõe outras facetas do que é o ser mulher. Assim, por meio de diálogos com outras escritoras negras e produções que ultrapassam a esfera da literatura, a autora utiliza da oralidade para tratar das questões coletivas que assombram as mulheres negras e a população periférica.

**Palavras-chave:** Identidade. Sociedade. Literatura marginal periférica. Mulheres negras.

### ABSTRACT

This article analyzes the literature-society relationship in the construction of female images and stereotypes in the Brazilian context and, also, the role of the lyrical production of peripheral marginal literature. For this, a corpus was composed of the selected texts *Poema Pouco Poema* and *Zero a Zero* by the writer Dinha, she was born in Ceará in 1978 and has been living in São Paulo since 1979. The choice of the author is due to her importance in the peripheral marginal literature scene and her trajectory and political performance through art. With this in mind, the study considered both bibliographic data on female authored literature, feminist theories and the literary work to verify how black and peripheral women's identity used constructed in the author's works. Such

methodology does not link work and biography, but it does not rule out contact points between both and the work of literature. From this interpretative path, it was possible to verify that by denying the white and elitist conception of fragile and passive femininity, Dinha exposes other facets of what it is to be a woman. Thus, through dialogues with other black writers and productions beyond the sphere of literature, the author uses orality to address the collective issues that haunt black women and the peripheral population.

**Keywords:** Identity. Society. Peripheral marginal literature. Black women.

## INTRODUÇÃO

A literatura pode ser entendida não só como plurissignificativa, confluindo imagem e linguagem literária, mas também a partir de uma prática discursiva que apresenta, em diferentes níveis e perspectivas, representações da sociedade tanto pela concisão dos poemas, quanto pelas diferentes formas de narrar. Nesse sentido, é possível pensar no papel dessa arte no processo de construção de identidade dos seres humanos, já que possui o poder de reforçar ou romper com as imagens de controle socialmente delimitadas.

Segundo Candido (2006), a relação entre literatura e sociedade é mais complexa do que parece. Para o autor, é necessário demarcar aspectos que constituem as influências sociais exercidas tanto no escritor como em seu leitor e os divide em três: a estrutura social, os valores e ideologias e, por fim, as técnicas de comunicação. Portanto, o momento de produção é permeado pela intersecção desses fatores: “[...]pois: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio.” (CANDIDO, 2006, p.30).

O crítico, ao analisar como os paradigmas sociais estão presentes na literatura, pontua duas formas de produção artística, a agregação e a segregação. Tais conceitos nos são válidos para questionarmos o padrão branco e ocidental que constitui cânone literário, inerentes à primeira noção, na qual se busca identificar tendências e agregar produções similares. Já a segunda, visa elaborar novas formas de configuração social, evidenciando rupturas no cânone.

Em razão disso, a Literatura Marginal Periférica pode ser observada a partir da arte de segregação. Pois, segundo Eble (2015), esse movimento surge da insuficiência do cânone literário não só em representar as vivências periféricas e minoritárias para além dos olhares elitistas e estereotipados, como também em acolher as produções artísticas que divergem da tradição estabelecida até o momento. Para isso, os escritores periféricos utilizam de um olhar documental, seja para realizar uma denúncia ou simplesmente narrar o cotidiano daquele meio.

Nesse sentido, a escritora Dinha é um grande nome dentro da literatura periférica e suas possibilidades de rupturas. Durante sua trajetória, expôs que a importância do papel da literatura e da escrita em sua vida vieram de um desejo de existir no mundo como indivíduo e sobreviver. Nascida no Ceará em 1978 e residindo em São Paulo desde 1979, a autora encontra na escrita uma forma de salvar a ela e aos seus pares de um Estado genocida, conforme a própria denuncia em sua obra. Por isso, seu trabalho é permeado pela intersecção de temas como gênero, negritude, periferia, genocídio, luta de classes, família e amor; o afeto é revolucionário e potente nas obras da poeta.

Portanto, por meio de uma pesquisa de cunho qualitativo de revisão de literatura e análise de texto, o presente artigo busca discutir a construção das identidades femininas na literatura marginal periférica, sobretudo nos poemas de Dinha. Tal movimento, ao se diferenciar não só pela busca de temáticas fora do eixo canônico, mas também pela construção de novas identidades que fujam dos estereótipos presentes na tradição canonizada brasileira, torna-se relevante para o avanço do debate.

## A UNIVERSALIZAÇÃO DA FIGURA FEMININA E SUA REPRESENTAÇÃO

Publicado originalmente em 1991, *O mito da beleza*, de Naomi Wolf, inicia a discussão sobre a condição das mulheres na sociedade ocidental traçando um panorama geral das duas primeiras ondas do feminismo e suas consequências. A escritora revela que após a luta pelo direito ao voto, a qual caracteriza a primeira onda, a intensificação da opressão pautada nos padrões de comportamento entendidos como obrigatoriamente femininos surge na tentativa de abafar o movimento insurgente. Assim, a segunda onda é marcada pela reivindicação do poder de escolha para essas mulheres que não aceitavam mais a *mística feminina*, como denominou a autora. Tal nomenclatura corresponde aos ideais de uma feminilidade frágil, maternal e subserviente.

É importante ressaltar que embora Naomi pontue alguns dos rótulos destinados às donas de casa de classe média na sociedade estadunidense, ainda há em seu discurso e nas próprias fases do movimento feminista uma narrativa única em torno dos estereótipos de feminilidade. Nesse contexto, Angela Davis traz uma crítica à essa universalização e situa a condição da mulher negra escravizada:

[...] Na propaganda vigente, “mulher” se tornou sinônimo de “mãe” e “dona de casa”, termos que carregavam a marca fatal da inferioridade. Mas, entre as mulheres negras escravas, esse vocabulário não se fazia presente. Os arranjos econômicos da escravidão contradiziam os papéis sexuais hierárquicos incorporados na nova ideologia. Em consequência disso, as relações homem-mulher no interior da comunidade escrava não podiam corresponder aos padrões da ideologia dominante. (DAVIS, 2016, p.25)

Segundo Alves (2002), os autores brasileiros do século XIX no período de ascen-

são da burguesia ajudaram a construir, consolidar e disseminar três modelos do ideal feminino: a mulher-anjo; a mulher-sedução e a mulher-demônio. A primeira relaciona-se fortemente com os rótulos de pureza, castidade, delicadeza e beleza representados por uma mulher branca e preferivelmente loira. Já a segunda, é responsável pela perpetuação da narrativa da mulher que utiliza de seus “atributos femininos” para manipular os homens. Embora a mulher-demônio fosse excluída da sociedade por retratar a tentação e a liberdade sexual das prostitutas da época, há ainda um abismo entre essas categorias criadas para mulheres brancas e as designadas às mulheres negras, pois:

Na situação do Brasil, com tipos étnicos diferentes houve uma adaptação, embora os escritores dessem preferência por personagens brancas. Uma maneira de ilustrar este pensamento está bem claro no romance de Alencar, *O Guarani*, no qual a personagem principal é a loura e virginal Ceci em oposição à morena brasileira, Isabel, que tem por destino a morte, antes de concretizar qualquer vínculo com o amado. (ALVES, 2002, p. 88)

Porém, a presença de uma única abordagem sobre as questões de gênero não é restrita à produção de autoria masculina. Ao observar a literatura de autoria feminina crescente no final do século XIX, tem-se a repetição das temáticas em torno da mística feminina universal (ALVES, 2002). No entanto, influenciadas pelas primeiras ondas do feminismo branco ocidental, as autoras estudadas por Alves, como Sônia Coutinho, Patrícia Bins e Lya Luft vão criticar o padrão de comportamento estabelecido e construir a própria identidade feminina, abordando também as dimensões psicológicas da mulher:

[...] Outras especificidades de seus textos são despreocupação com a descrição da beleza física e do comportamento das personagens femininas, preferindo expressar os conflitos pelos quais conflituam o interior da personagem. [...] Também não é demais dizer que enquanto os romances românticos procuraram focalizar os impedimentos e rituais do namoro e o seu desfecho se fazia com a união do casal, na mesma época, as escritoras justamente construía seus enredos, a partir do casamento, explorando os desajustes e conflitos das protagonistas dentro da relação. (ALVES, 2002, p.94-95)

Para exemplificar as diferenças entre essas mulheres não só nas agendas políticas, como na imagem construída socialmente, Lélia Gonzalez (1983, p.224) discute as experiências de mulheres e homens negros na diáspora no continente americano para denunciar o pensamento hegemônico. Para isso, a autora expõe três estereótipos sobre a figura da mulher negra na sociedade brasileira. A mulata e a doméstica são duas faces da mesma herança escravocrata, mas enquanto a primeira é animalizada, fetichizada, hipersexualizada e vendida como o ideal carnavalesco, a segunda representa a servidão imposta da época colonial. Já a mãe preta surge como forma de apagar a resistência e a insubmissão das mulheres negras, transformando-as em acolhedoras e condescendentes. Desse modo, Lélia contrapõe, por exemplo, a figura da fragilidade marcada até mesmo pela expressão popular “sexo frágil”, que no âmbito da análise do discurso é dire-

cionada a todas as mulheres, mas na prática está falando apenas de um grupo específico.

Em diálogo com a obra da intelectual brasileira, Angela Davis continua sua análise demonstrando como as particularidades do racismo, do capitalismo e do sexismo moldam a construção da mulher negra enquanto sujeito, pois “As mulheres não eram “femininas” demais para o trabalho nas minas de carvão e nas fundições de ferro, tampouco para o corte de lenha e a abertura de valas.” (DAVIS, 2016, p.22-23). A autora cita ainda as diversas formas de resistência protagonizadas por elas, dando ênfase no papel da educação, da leitura e da escrita no processo de luta pela liberdade.

Esta breve explanação sobre teorias que exploram a representação das mulheres negras nos permite levantar alguns questionamentos acerca do corpus estudado, pois Dinha também aborda a interseccionalidade de raça, classe e gênero que age sobre o papel social das mulheres negras brasileiras. É possível pensar ainda sobre a motivação de Dinha ao optar por evidenciar a condição marginalizada imposta às mulheres negras trabalhadoras em nossa sociedade e o porquê de escolher retratar a família periférica e negra. Tais reflexões serão abordadas a seguir, dialogando as análises dos poemas com a teoria apresentada.

## A MULHER NEGRA NA PERSPECTIVA DE DINHA

Retomando o pensamento de Antonio Candido (2006), a relação entre os fatores sociais e o autor está exposta à medida que, como analisado por Davis, a escritora Dinha constrói uma identidade feminina combativa, a exemplo do trecho do poema *Zero a Zero* “Repondo a morte com vida / Repondo Ricardo a Ricardo / Rivaldo a Rivaldo / dobrando os soldados / perpetuando a ira / e a lira.”, há o foco na lírica, ou seja, na arte da escrita como mais uma forma de resistir.

O trecho ainda permite a reflexão sobre o papel da mulher negra na construção e manutenção de sua família, uma vez que nesse poema Dinha busca expor uma situação muito comum nas favelas do Brasil: a brutalidade policial e como ela afeta essas famílias majoritariamente negras dentro das periferias. Vale ressaltar que esse papel familiar se difere do imposto às mulheres brancas, uma vez que Dinha não limita as mulheres negras à maternidade, retratando-as inclusive como trabalhadoras. Além disso, Dinha subverte a idealização da maternidade, pois demonstra que para essas mulheres criar seus filhos é um afronte ao Estado, que os quer mortos desde a colonização. A discussão sobre a distinção das expectativas em relação ao feminino também é colocada em pauta por Davis:

É verdade que a vida doméstica tinha uma imensa importância na vida social de escravas e escravos, já que lhes propiciava o único espaço em que podiam vivenciar verdadeiramente suas experiências como seres humanos. Por isso – e porque assim como seus companheiros, também eram trabalhadoras –, as mulheres negras não eram diminuídas por suas funções domésticas, tal como acontecia com as mulheres brancas [...] (DAVIS, 2016, p.29)

Em virtude disso, as categorias de influência por estrutura social e por ideologia propostas por Candido (2006, p.30) estão representadas, por exemplo, na afirmação “Somos negras”, a qual dá início a outro texto de Dinha, *Poema Pouco Poema*. Além disso, observando também a marca da assonância do “a” tônico em seus versos, pode-se pensar que a escritora busca ressaltar e construir a imagem da importância do feminino negro não só na construção de seu poema, mas de toda a sociedade. É o que ocorre em trechos como “Estamos em muitos lugares / Na motorista do ônibus que nos leva e nos traz pelas veias da cidade.” (DINHA, 2015, p.17)

Outro ponto a ser observado no trecho é a utilização da metáfora “veias da cidade” para falar sobre o caminho que esse ônibus percorre, o que possibilita a leitura de que assim como o sangue que corre pelas veias é crucial para os seres humanos, essas trabalhadoras dentro dos ônibus por essas ruas também são essenciais para a sociedade, valorizando e colocando em evidência a classe trabalhadora

Ao continuar o poema listando os empregos ocupados em específico por essas mulheres, já que a autora faz questão de ressaltar “Na atendente de telemarketing. / Na caixa de supermercado. / Na empregada doméstica / Na escritora esquecida [...]” (DINHA, 2015, p.17), Dinha parece demarcar que essas são as posições ocupadas pela classe trabalhadora, a qual sustenta esse país “ainda que não se saiba” (DINHA, 2015, p.17). Tal movimento pode conversar com a imagem anterior criada pelas veias da cidade, pois assim como o sangue ajuda a sustentar o corpo, essas trabalhadoras ocupando diversas posições essenciais também ajudam a manter o funcionamento da sociedade como um todo. Há ainda uma possível crítica ao cânone literário em si, marcada pela denúncia do mercado editorial e do ambiente acadêmico que esquecem dessa escritora e trabalhadora. Mais uma vez, Dinha expõe sua capacidade de olhar para o todo, perceber e nomear as estruturas de exclusão vigentes em nossa sociedade.

Já a influência por meio das técnicas de comunicação (CANDIDO, 2006, p.30), pode ser observada nessa obra pelo diálogo entre o movimento Hip Hop, que por sua vez compartilha de uma estrutura marcada pela oralidade. Ao longo do texto *Poema Pouco Poema*, a poeta trabalha temas como gênero; o estereótipo da criminalidade imposto às pessoas negras; a relação entre classe e raça na sociedade brasileira e a negação da branquitude ao reconhecer o papel e a importância da população negra no país, como o exposto no trecho:

No feminino e no masculino. / Estamos em muitos lugares / Pouco valorizados. / Mas isso não dói em nada. / O chato é ter que ouvir os trouxas ruminando espasmos: / Três pretos lhe roubaram. / Logo, / pretos são safados. (DINHA, 2015, p.17-18)

Tal postura dialoga com o proposto no documentário *AmarElo*, do rapper Emicida, o qual expõe a relevância da cultura preta para a história brasileira e sobretudo para a cidade de São Paulo. As produções também dialogam entre si pela construção do eu lírico como um “nós” bem demarcado enquanto espaço de resistência; memórias ancestrais

de luta e a importância das mulheres e pessoas negras para a sociedade e para a defesa das periferias. Logo, pode-se inferir que ao optar em estabelecer diálogos com a tradição oral, a poeta valoriza sua origem negra, visto que a cultura afro-brasileira valoriza as marcas de oralidade.

Assim, ao contrário da autoria feminina do final do século XIX, Dinha expõe o cotidiano por meio de um olhar feminino e periférico, que não só experiencia a narrativa na pele, mas também utiliza dela como ferramenta para criar uma estrutura literária diferenciada. A autora também evidencia a atuação social e a subjetividade da mulher negra, a qual é representada como sujeito agente na sociedade e em sua família, sendo responsável pelo trabalho, criação dos filhos e resistência política. Além disso, ao mesmo tempo em que denuncia o descaso com as trabalhadoras, Dinha exalta a importância delas para toda a sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as análises realizadas sobre a representação das mulheres na tradição brasileira em diferentes períodos, percebe-se que a literatura é permeada pelo contexto político e pelos debates que regem a sociedade na qual está inserida. Nesse sentido, conforme o movimento feminista solidifica suas bases e aperfeiçoa seus métodos de análise e referenciais teóricos, surgem as críticas de cunho racial, econômico e mais adiante, de sexualidade, as quais resultam na transformação dos indivíduos e de suas produções artísticas.

Por isso, é necessário compreender a literatura marginal periférica não somente como um gênero ou estilo de escrita, mas como um movimento político que visa a quebra de paradigmas sobre as concepções de arte, literatura e imaginário coletivo em nossa sociedade. As obras periféricas e suas análises em uma perspectiva crítica que não desprezasse o contexto de produção, mas tampouco o adote como único fator para a atribuição de um juízo de valor, contribuem para avançar o debate.

Assim, ao romper com as noções do feminismo hegemônico e da universalização da figura feminina, Dinha constrói novos parâmetros para a identidade das mulheres negras no Brasil contemporâneo. Tal movimento é possível não só pelo domínio das técnicas líricas e da leitura crítica de mundo, mas também por conta da estrutura da Literatura Marginal Periférica, a qual busca criar práticas para a humanização e politização dos indivíduos negros, periféricos e marginalizados socialmente.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Ivya. Imagens da mulher na literatura na modernidade e contemporaneidade. In: FERREIRA, Sílvia Lúcia; NASCIMENTO, Enilda Rosendo (org.). Imagens da mulher na cultura contemporânea. Salvador: NEIM/ UFBA, 2002. **Coleção Bahianas**. v. 7, p. 85-98. Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/imagens.pdf#page=84>. Acesso em: 11 abr. 2021

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 22-29.

EBLE, Taís Aline; LAMAR, A. R. A literatura marginal/periférica: cultura híbrida, contra hegemônica e a identidade cultural periférica. **Revista Especiaria (UESC)**, v. 16, p. 193-222, 2015. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/especiaria/article/view/1126>. Acesso em: 15 abr. 2021

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1983. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod\\_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo\\_e\\_Sexismo\\_na\\_Cultura\\_Brasileira%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf). Acesso em: 14 abr. 2021

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.